

O TRAUMA RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Giovana Pontes Farias

Universidade Federal de Pelotas-UFPEL-giovanaup@gmail.com

Orientação:Aline Accorssi

Universidade Federal de Pelotas-UFPEL- alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte do projeto de tese de doutorado que está sendo realizado no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, centrado em torno das discussões étnico-raciais no ambiente escolar. Meu objetivo é compreender como o ambiente escolar contribui para produção/reprodução do trauma racial. Diante disso, irei partir do pressuposto de que o racismo cotidiano vivenciado no ambiente escolar é responsável por gerar aquilo que denomino de trauma racial.

O trauma racial é identificado como um choque violento provocado pela exposição a episódio(s) de violência racial. Para Kilomba(2019), o trauma possui uma relação com a atemporalidade, já que o racismo conecta as pessoas a uma situação que remete ao mundo colonial, de senhor e escravizado. Nesse sentido, Hartman (2021) diz que:

A escravidão estabeleceu uma medida humana e um ranking de vida e valor que ainda têm de ser desconstruídos. Se a escravidão persiste como uma questão na vida política dos afro-americanos, não é por causa de uma obsessão antiquada com o passado ou o peso de uma memória muito longa, mas porque as vidas negras estão ainda sob perigo e ainda são desvalorizadas por um cálculo racial e uma aritmética política que foram entrançados séculos atrás. Esta é a sobrevida da escravidão – oportunidades de vida incertas, acesso limitado à saúde e à educação, morte prematura, encarceramento e pobreza. Eu também sou a sobrevida da escravidão (HARTMAN,2021.p.18)

Diante disso, podemos destacar as marcas que o racismo deixou em nossa sociedade, assim como a atualização dos mecanismos de perpetuação da discriminação. O contato com a discriminação racial ocorre muito cedo, ainda na infância, sendo na escola um dos espaços pelos quais essa experiência pode ser vivida cotidianamente. O modelo de educação brasileira, ainda reproduz a lógica colonizadora, valorizando a história e a cultura europeia, em detrimento dos saberes afro-brasileiros e indígenas.

2. METODOLOGIA

Para realizar esta pesquisa, trabalho com o aporte metodológico da escrevivência, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo, que une vivência e experiência, e destaca a importância da escrita das mulheres negras na

construção de novas formas de ver e estar no mundo. Parto da minha experiência como docente, gestora e estudante negra, para analisar os impactos do racismo no ambiente educacional. Assim, tenho como fonte de estudos um diário de episódios de racismo, vividos ou observados por mim, ou seja, minhas memórias pessoais, que são também uma experiência coletiva da vida negra em diáspora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para entender o racismo no ambiente escolar, precisamos analisar de que forma a raça é pensada e contruída em nosso país. Para compreender esse processo histórico, devemos olhar para três aspectos ou categorias: raça, colorismo e branquitude. No que se refere a raça, precisamos destacar que o Brasil, posterior a escravidão, adotou a política do “abandono” e do branqueamento, ou seja, a população negra foi jogada “a própria sorte”, sem nenhum tipo de política governamental que buscasse a inclusão dessa população, que ficou anos sendo excluída do acesso a educação, moradia, saúde e trabalho remunerado.

Abdias Nascimento (1978) denuncia que a forma como o governo brasileiro tratou e vem tratando as questões raciais no país é na verdade um projeto de genocídio do povo negro. Além de proibir a entrada de imigrantes africanos, o governo passa a reprimir elementos da cultura negra, e a criminalizar o corpo negro. Assim, a primeira tentativa é de apagamento da cultura Negra; a segunda tentativa é a defesa da mestiçagem como um caráter positivo da cultura brasileira, mas que também está a serviço do apagamento das origens afro-indígenas em nossa cultura.

Desta forma, o colorismo está presente no debate sobre as relações raciais de nosso país, pois a mestiçagem, que inicia a partir do estupro das mulheres negras e indígenas, se torna mais tarde algo incentivado pela política racista, que vai atribuir mais benefícios ao mestiço, através de uma “discriminação positiva”¹ (DEVULSKY, 2021)). Todos esses aspectos ocorrem na história brasileira sob a negação do racismo, o que Lelia Gonzalez (2020) vai chamar de “neurose cultural brasileira”, um projeto que beneficia e mantém os privilégios da branquitude, que não se reconhece como racializada e detentora desses privilégios.

Diante disso, quando pensamos uma educação antirracista, precisamos ter em mente que as formas como a sociedade brasileira vem lidando com as questões raciais vão impactar nos resultados que podemos alcançar. Além disso, essa estrutura racista afeta a escola, as/os estudantes brancos que recebem apenas referências de um mundo branco pautado por ideais de superioridade, mas especialmente as/os estudantes negros que sofrem na pele as consequências dessa visão de mundo discriminatória.

A educação racista contribui para a perpetuação de ideias depreciativas sobre o corpo negro e sua cultura. No livro *A cor do inconsciente*, Isildinha Nogueira (2021) nos alerta para o fato de que mesmo que possamos apagar a presença do racismo no plano estrutural, ainda teremos que lidar com a presença do racismo no inconsciente coletivo. A exposição cotidiana a situações de racismo gera o que podemos chamar de trauma racial, situação em que o sujeito é exposto a violência racial, o que o coloca em uma posição de choque, devido as

¹A discriminação positiva ocorre quando aquele que possui a pele menos retinta consegue atingir mais espaços do que o negro retinto, contudo ele ainda não possui os privilégios que aqueles considerados brancos gozam dentro da sociedade.

características de irracionalidade e atemporalidade. O trauma racial gera uma série de impactos na psique humana e afeta a educação na medida que pode causar o isolamento dos estudantes, além de problemas associados a auto-imagem embasados em inferiorização e marginalização, além de outros problemas psicológicos gerados pelo estresse do racismo cotidiano.

4. CONCLUSÕES

O racismo, como um produto da sociedade brasileira, está presente no ambiente escolar podendo manifestar através de diferentes práticas educativas. A forma como tratamos as questões raciais na escola mudaram nos últimos anos, a partir da inclusão da história da cultura Africana e Afro brasileira nas escolas, bem como, a criação das cotas raciais em universidades e concursos públicos e a criminalização do racismo. Tais conquistas foram alcançadas com a luta do movimento negro organizado. Contudo, ainda podemos notar a presença de uma herança racista, camuflada a partir de discursos de mestiçagem e de “respeito as diferenças”, resultando na reprodução do outro como inferior, em detrimento de um padrão branco e universal. Esses aspectos afetam o desenvolvimento das/dos estudantes negros, que são educados a partir de modelos de um mundo branco.

Quando trabalhamos sob a ótica de uma educação eurocêntrica, branca, heteronormativa e patriarcal, comunicamos aos nossos educandos que apenas esta forma de ser e estar no mundo é legítima, apagamos as outras possibilidades de existência e ainda contribuimos para inferiorização e depreciação dessas outras vivências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências e seus subtópicos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós-Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro. Mina Comunicação e Arte, 2020

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro. Processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1978,

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Latino Americano. Ensaio Intervenções e Ensaio**. ZAHAR. 2020.

GRADA, Kilomba. **Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro. Cobogó, 2019.

HARTMAN, Saydiya. **Perder a mãe, uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Rio de Janeiro. Bazar do tempo, 2021.

